Terca-Feira, 10 de Novembro de 2026

Meus quatro inimigos

Todo ser humano é falível e, portanto, sujeito a evoluir. Essa constatação, presente tanto na filosofia clássica quanto na moral espírita cristã, deveria inspirar humildade e perseverança. Sócrates já advertia que reconhecer a própria ignorância é o primeiro passo da sabedoria; Epicteto lembrava que não controlamos o mundo, apenas nossas escolhas; e Allan Kardec, no *Evangelho segundo o Espiritismo*, ensina que a verdadeira superioridade é a do espírito que progride, jamais a do que se julga pronto.

Essa evolução moral é lenta, diária, não linear e desafiadora, enfrentando pelo menos quatro grandes inimigos. São quatro monstros que habitam cada um de nós e que, se não forem reconhecidos e enfrentados, nos desviam do caminho da fraternidade e da reforma íntima.

O primeiro e maior deles é o **egoísmo**. Ele nos afasta da compaixão e da solidariedade, enclausura-nos em nossas urgências e interesses, impede que reconheçamos o próximo como um irmão. O egoísta é indiferente à dor alheia, não dedica tempo a ouvir, não se dispõe a auxiliar.

Vive como se estivesse só no mundo, ignorando o ensinamento de amor ao próximo e a certeza de que ninguém se salva isoladamente. O egoísmo é a raiz de quase todos os males sociais, porque destrói a ponte que liga um humano ao outro.

O segundo inimigo é o **orgulho**. Se o egoísmo nos separa, o orgulho coloca-nos, ilusoriamente, acima. É o pai da xenofobia e do racismo, do preconceito e da intolerância. Alimenta a ilusão de que somos melhores do que os que são diferentes — seja pela religião, pela cor, pela nacionalidade ou por qualquer outro rótulo que inventemos para justificar a exclusão. O orgulhoso não dialoga: sentencia. Não acolhe: rejeita. E, ao fazê-lo, trai a máxima evangélica de que todos somos filhos do mesmo Pai.

O terceiro inimigo é a **vaidade**. Ela é a mãe da inveja. A vaidade nos impede de celebrar o sucesso, as conquistas e as realizações dos outros, que, em nossa fantasia, deveriam sempre ser nossas. Assim, atribuímos o mérito alheio à sorte, ao acaso, a injustiças ou manobras desleais. A vaidade revela nossa incapacidade de reconhecer talentos que não orbitam o nosso próprio umbigo. E, ao negar o valor do outro, negamos também a oportunidade de aprender e crescer com ele.

Por fim, o quarto inimigo: a **ambição**. Não a ambição saudável, que impulsiona o esforço e o trabalho, mas a ambição desmedida, que nos torna gananciosos e insaciáveis. É ela que nos leva a buscar incessantemente acumular riquezas, poder, honrarias e prestígio como se fossem escudos contra a impermanência da vida.

A ambição descontrolada rouba a paz do indivíduo, sempre insatisfeito com o que alcançou, transformando-o em servo de suas posses, incapaz de perceber que a verdadeira grandeza do espírito não se mede em cifras ou títulos, mas em atitudes coerentes com os valores que professa.

Esses quatro inimigos — egoísmo, orgulho, vaidade e ambição — não são adversários externos. São sombras internas, que nos provocam e perturbam. E, como ensina o Espiritismo, só podem ser vencidos pelo esforço contínuo, pela vigilância moral, pela prática do bem e pela coragem de olhar para si mesmo sem máscaras.

Reconhecê-los é o primeiro passo. Enfrentá-los, o desafio de cada dia.

Luiz Henrique Lima é professor e escritor